

## **Pesquisa etnobotânica sobre o potencial terapêutico de *Aloe vera* (L.) Burm. F. no combate às hemorroidas**

*Ethnobotanical research on the therapeutic potential of *Aloe vera* (L.) Burm. F. in the fight against hemorrhoids*

SILVA, Wellington Lima Costa<sup>1</sup>; AZEVEDO, Camila Firmino de<sup>2</sup>; CASTRO, Thiago Bernardino de Sousa<sup>3</sup>; MACEDO, Santos Maria Heloisa<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual da Paraíba, wellington-lima2008@hotmail.com; <sup>2</sup>Universidade Estadual da Paraíba, cfdeazevedo@gamil.com; <sup>3</sup>Universidade Estadual da Paraíba, thiagopbpe@gmail.com; <sup>4</sup>Universidade Estadual da Paraíba, heloisamacedo08@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Saúde e Agroecologia**

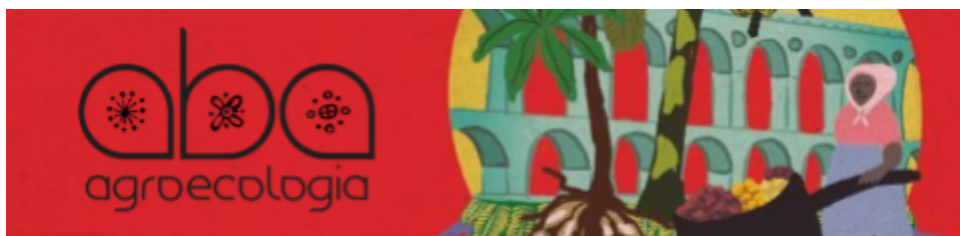
**Resumo:** A *Aloe vera* (L.) Burm. F. (babosa) é usada popularmente no tratamento de hemorroidas. Desse modo, objetivou-se realizar uma pesquisa etnobotânica sobre o uso da babosa no tratamento de hemorroidas a partir de entrevistados que possuíam o problema e residiam no município de Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba. Ao total foram entrevistadas 40 pessoas através de um questionário semiestruturado enviado através da plataforma *google forms*. Dos entrevistados, 82,5% afirmaram conhecer as propriedades medicinais da babosa, 95% informou que a utilizavam, 48% usavam através de supositórios e 38,1% afirmaram que usavam apenas quando tinham crise. Sobre efeitos colaterais, nenhum afirmou ter tido. A *A. vera* é utilizada como planta medicinal, porém o uso é reduzido quando relacionado ao combate às hemorroidas devido ao pouco conhecimento. Desta forma, há necessidade de estudos mais aprofundados e divulgação sobre o assunto, devido ao grande potencial da espécie.

**Palavras-chave:** fitoterápico; afecções; plantas medicinais.

### **Introdução**

A utilização de plantas para o tratamento, cura e prevenção de doenças é uma das mais antigas formas de prática medicinal da humanidade, dessa forma, sendo chamadas de plantas medicinais ou plantas curativas, que são utilizadas para fins terapêuticos e/ou profiláticos (ANVISA, 2016). É importante destacar o conceito do termo planta medicinal, que é a espécie vegetal que promove ação terapêutica com o seu uso (MACHADO et al., 2017). O seu uso é tão antigo quanto a espécie humana e está relacionado ao meio, à cultura e ao modo de vida do indivíduo (MORESKI et al., 2019).

As plantas medicinais quando usadas de forma inadequada pode apresentar riscos à saúde, devido às contraindicações, superdosagem e/ou interações medicamentosas, ou até mesmo a supervalorização das plantas e desconhecimento dos efeitos tóxicos (PEREIRA et al., 2016). A Organização Mundial de Saúde (OMS)



tem publicado seu posicionamento a respeito da necessidade do reconhecimento do uso de plantas medicinais e a importância de incorporá-las a medicina moderna, uma vez que 80% da população mundial utilizam as plantas, entretanto recomenda-se o acréscimo de políticas, as quais sejam criteriosas no que diz respeito exigência quanto à eficácia, segurança, qualidade e uso correto (SANTOS e TRINDADE, 2017).

Atualmente há uma constante procura por tratamentos mais baratos, fitoterápicos e de fácil acesso e principalmente que com eficácia comprovada. A *Aloe vera* (L.) Burm. F., também chamada de babosa e que pertence à família Liliaceae, é uma planta medicinal empregada como fitoterápico devido às suas propriedades antibacteriana, antifúngica, anti-inflamatória e cicatrizante (MORESKI, 2018). Essa espécie de planta é usada popularmente no tratamento de afecções, como as hemorróidas (LIMA e NOGUEIRA, 2021) e é muito conhecida pelo seu gel incolor mucilaginoso, que é composto, em sua maior parte, por água (cerca de 96 a 98%) (LACERDA, 2016). Esse gel é usado há muito tempo como fitoterápico devido às suas ações antibacteriana, antifúngica, anti-inflamatória, anti-virótica e cicatrizante (MORESKI, 2018).

As hemorroidas são proeminências vasculares que se localizam no reto distal e no canal anal e são estruturas anatômicas normais (BROZOVICH e READ, 2007). Segundo Cruz et al. (2006), a doença hemorroidária (DH) é caracterizada pelo comprometimento dos tecidos e plexos vasculares situados na região anorretal e ocorre principalmente na idade avançada, devido à perda da elasticidade, ruptura de elementos estruturais, elevação da pressão de repouso e/ou problemas na microcirculação. De acordo com Parente (2013), o uso tópico da babosa, associado a outra substância ou não, favorece à regeneração da pele, auxiliando na cicatrização de feridas provocadas por queimaduras, úlceras de pele, hemorróidas ou psoríase.

Desse modo, objetivou-se realizar uma pesquisa etnobotânica sobre o uso da babosa no tratamento de hemorroidas a partir de entrevistados que possuíam o problema e residiam no município de Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba.

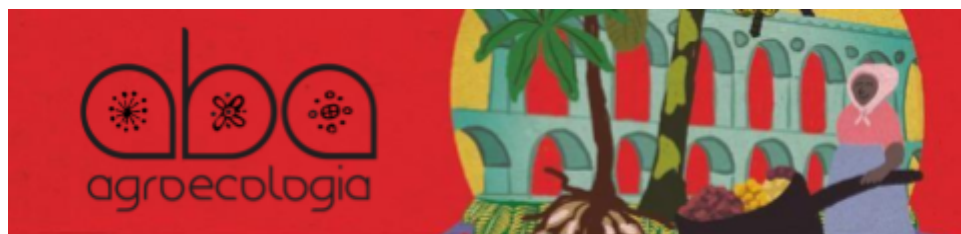
## **Metodologia**

Foi realizado um levantamento etnobotânico acerca do uso da babosa para o tratamento de hemorróidas através de um questionário semiestruturado com questões relacionadas ao perfil dos entrevistados, além de perguntas acerca do uso da babosa para o tratamento de hemorróidas. As entrevistas foram realizadas com participantes que tinham idade superior a 18 anos, de ambos os sexos.

O questionário foi elaborado através da plataforma gratuita *Google Forms* e disponibilizado por 40 dias através de redes sociais (*WhatsApp* e *Facebook*). Em seguida os dados foram computados e elaborados gráficos com o auxílio do programa Excel, para posterior análises e discussões.

## **Resultado e Discussão**

Ao total foram entrevistadas 40 pessoas, verificando-se que 60% tinham idade entre 30-40 anos, 27,5% tinham idade entre 40-50 anos, seguido de 12,5%, que tinham



entre 50-60 anos em relação ao gênero dos entrevistados, 72,5% foi do gênero masculino e 27,5% do gênero feminino. Um estudo realizado por Lessa et al. (2021) no Espírito Santo, identificou que uma das principais afecções identificadas em exames de colonoscopia foi a hemorroida, onde 18,74% eram mulheres, com a faixa etária entre (FE) 45 a 65 anos, o que difere desse estudo, onde a maioria dos entrevistados foi homens, com a maior faixa etária dos entrevistados entre 30 a 40 anos.

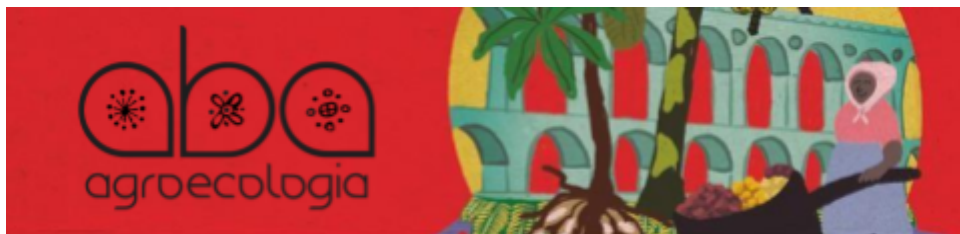
Em relação à região que moravam, 65% afirmaram morar na zona rural e 35% na zona urbana. Os moradores de zonas rurais possuem um vasto conhecimento sobre plantas medicinais e tem a facilidade de encontrá-las e utilizá-las. Além do que isso mostra uma relação entre as comunidades e as plantas, uma vez que, segundo Gadelha et al. (2013), compreender as relações existentes entre essas comunidades e as plantas medicinais é primordial para estabelecer políticas públicas voltadas para estes grupos e direcionar a oferta de serviços de saúde pelo governo, de acordo com as demandas locais. Moreira et al. (2002) destaca que o uso de plantas medicinais por populações da área rural é oriundo dos conhecimentos acumulados mediante a relação direta dos seus membros com o meio ambiente e da propagação de uma série de informações tendo como influência o uso tradicional transmitido oralmente entre as diferentes gerações.

Os entrevistados foram questionados quanto ao estado civil e 50% eram casados; 37,5% solteiros, 5% divorciados e 7,5% outros. Em relação à escolaridade, 42,5% cursaram o ensino superior, 42,5% até o ensino médio, 10,5% até o ensino fundamental e 4,5% não responderam.

Em relação à utilização de plantas medicinais, 97,5% dos entrevistados afirmaram já ter utilizado pelo menos uma vez na vida. Foi perguntado aos entrevistados quais plantas medicinais eram mais utilizadas por eles e as mais citadas foram: capim-santo (*Cymbopogon citratus* D.C), hortelã (*Mentha piperita* L.), erva-doce (*Foeniculum vulgare* Mill.), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), alho (*Allium sativum* L.), romã (*Punica granatum* L.) e a babosa (*Aloe vera* L.) (Figura 1). Diferente de uma pesquisa realizada por Jerônimo et al. (2019) com idosos de Lagoa Seca – PB, as plantas mais utilizadas para tratamento de doenças foram a espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia* M.) (28,57%), a cana-do-brejo (*Costus spicatus* SW.) (42,85%) e a malva-rosa (*Malva sylvestris* L.) (28,57%).

Figura 1. Uso de plantas medicinais pelos entrevistados de Lagoa Seca e Campina Grande – PB que apresentavam problemas de hemorroidas.



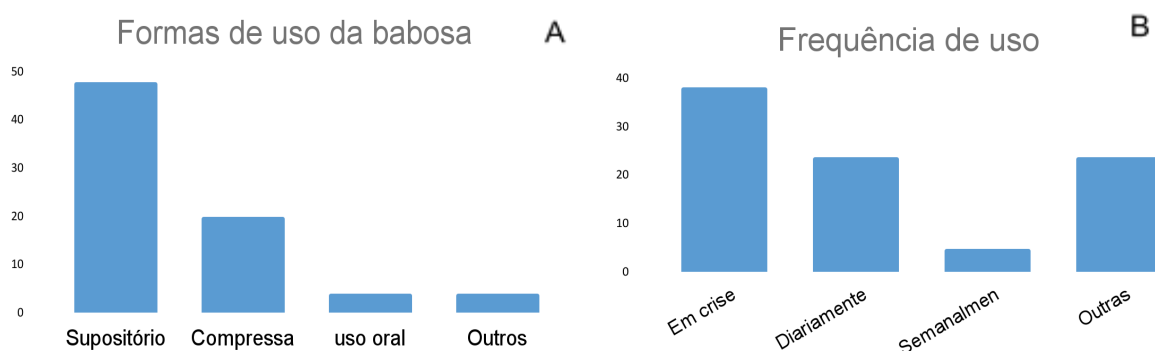


Foi questionada a forma utilizada das plantas medicinais e 57,5% disseram que usam na forma de chá, 15% *in natura*, 5% por meio de garrafadas, 2,5% extratos e 20% de outras formas. A parte da planta a ser utilizada na preparação dos remédios à base de plantas medicinais mais citada pelos entrevistados foi a folha (90%), corroborando com Oliveira (2018), que afirma que a maior utilização das folhas pode estar relacionada ao fato de que os principais compostos ativos estão concentrados nessa parte, além da facilidade de coleta, que não ocasiona muito dano à planta.

Os entrevistados também foram questionados se conheciam a babosa e 95% afirmaram que sim. Foi perguntado também sobre suas propriedades medicinais e 82,5% afirmaram conhecer, enquanto 17,5% não conhecia. Quanto à utilização, a grande maioria (95%) informou que utilizava a babosa como medicinal. Quando questionados sobre a forma utilizada, 57,5% disseram na forma de chá, 12,5% *in natura*, 10% por garrafada, 7,5% extratos e 22,5% de outras formas. Lorenzi e Matos (2008) relatam que as folhas da babosa possuem atividade fortemente cicatrizante e uma boa ação antimicrobiana sobre bactérias e fungos. Quando questionados sobre as propriedades da babosa para o tratamento de hemorróidas, 77% dos entrevistados tinham conhecimento, enquanto 22,5% afirmaram não conhecer.

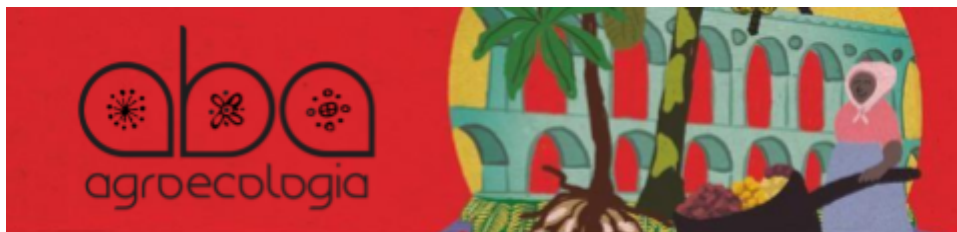
Dos 40 entrevistados, 25 afirmaram já ter utilizado a babosa para tratamentos de hemorróidas, sendo que 48% utilizou através de supositórios, 20% por meio de compressas, 12% por meio de pomadas, 4% uso oral e 4% de outras formas (Figura 2A). Em relação a frequência que realizou o tratamento, 38,1% usou apenas quando teve crise, 23,8% afirmaram que diariamente, 4,8% semanalmente e 23,8% de outras formas (Figura 2B). Quando questionados sobre efeitos colaterais, todos afirmaram nunca ter tido. Os participantes da pesquisa também foram questionados se indicariam a babosa para o tratamento de hemorroidas para outras pessoas e 95% afirmaram que sim. Além disso, 93,3% afirmaram possuir interesse em cultivar a planta em casa, indicando ser uma espécie promissora para o uso caseiro. A divulgação e disseminação do uso de babosa como planta medicinal para tratamento de afecções, especificamente das hemorróidas, bem como estudos mais detalhados se mostram de extrema importância.

Figura 2. Formas de uso da babosa para tratamento de hemorróidas pelos entrevistados de Lagoa Seca e Campina Grande - PB.



A divulgação e disseminação do uso de babosa como planta medicinal para tratamento de afecções, especificamente das hemorróidas, bem como estudos mais





detalhados se mostram de extrema importância, uma vez que o uso da espécie para esse tipo de problema já foi relatado com bons resultados em diferentes pesquisas (ESHGHI et al., 2010; RAMOS e PIMENTEL, 2011; PARENTE et al., 2013; LIMA e NOGUEIRA, 2021; AMIRI et al., 2023). Mesma problemática encontrada por Lima e Nogueira (2021), que em sua pesquisa sobre hemorroidas foi demonstrado que pouco se reconhece sobre a possibilidade de tratá-las com a planta medicinal, que seria uma alternativa para o tratamento conservador não cirúrgico com o foco em diminuir as dores e as feridas hemorroidárias que o paciente esteja portando.

## Considerações Finais

A *Aloe vera* (L.) Burm. F. é utilizada pelos entrevistados como planta medicinal, porém quando relacionado ao uso de combate a afecção das hemorroidas esse uso é reduzido, devido ao pouco conhecimento, estudo e divulgação para essa finalidade. Dessa maneira, salienta-se a importância de estudo mais aprofundado sobre o assunto, já que os entrevistados não procuram saber informações ou opinião médica para fazerem uso, sendo necessário aumentar os incentivos para programas de plantas medicinais no sistema público e privado, visando dessa forma a promoção da saúde e do bem-estar da população em geral.

## Referências bibliográficas

AMIRI, M.M. et al. Herbal therapy for hemorrhoids: an overview of medicinal plants affecting hemorrhoids. **Advancements in Life Sciences**, v. 10. n. 1. p. 22-28, 2023.

ANVISA, AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **Memento Fitoterápico**. Farmacopeia Brasileira. Brasília, 2016.

BROZOVICH, M. READ, T. E. What are hemorrhoids? Anatomy, classification, symptoms and diagnosis. **Seminars in colon and rectal surgery**, n.18, p.147-151, 2007.

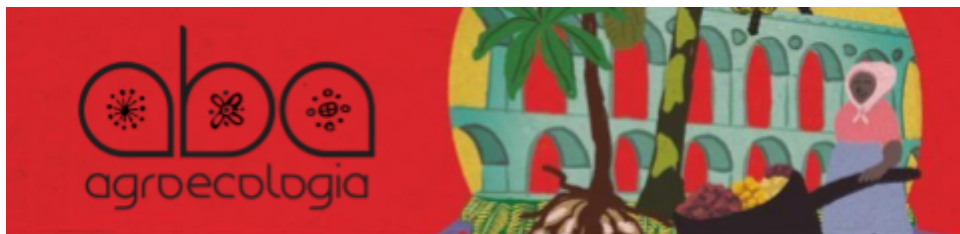
CRUZ, G. M. G. et al. Hemorroidectomy: estudo de 2.417 pacientes submetidos à cirurgia para tratamento da doença hemorroidária. **Revista Brasileira Coloproct**. V. 26, n. 3, p. 253-268, 2006.

ESHGHI, F. et al. Effects of *Aloe vera* Cream on Posthemorrhoidectomy Pain and Wound Healing: Results of a Randomized, Blind, Placebo-Control Study. **The Journal of Alternative and Complementary Medicine**. n. 6. v. 16. 2010.

GADELHA, C. S., PINTO JUNIOR, V. M., BEZERRA, K. K. S., PEREIRA, B. B. M., & MARACAJÁ, P. P. B. Estudo bibliográfico sobre o uso de plantas medicinais no Brasil. **Revista Verde**, v.8, n. 5, p.208-212, 2013.

JERÔNIMO et al. Utilização de plantas medicinais por idosos de Lagoa Seca, Paraíba. **Revista Verde**. v. 14, n.5, Edição Especial, p.683-687, 2019.

LACERDA, G. E. Composição Química, Fitoquímica e Dosagem de Metais Pesados das Cascas das Folhas Secas e do Gel Liofilizado de Aloe Vera Cultivadas em Hortas Comunitárias da Cidade de Palmas, Tocantins. 2016. 51 f. **Dissertação** (Mestrado em



Ciências Sociais) – Universidade Federal de Tocantins, Palmas, 2016.

LESSA, A. R et al. Análise das principais afecções no trato digestivo inferior, através de colonoscopia, em clínica do Espírito Santo, entre 2013 e 2018. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 33, v.1, 2021.

LIMA, C. A.; NOUGUEIRA, L. O Uso de *Aloe Vera* para Tratamento de Hemorroidas e Outras Feridas Cutâneas. Pluri Discente. Edição Especial, p.41-52, 2021.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil**. 2 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008.

MACHADO, T. T.; ALIXBENEDICTTE, K. M.; DÓRIA, V. S. Principais ervas medicinais utilizadas nos Quilombos do Camburi e da Caçandoca, Ubatuba – SP. **UNISANTA Bioscience**, v. 6, n. 2, p. 145-152, 2017.

MOREIRA, R. C. T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 21, p. 205-211, 2002.

MORESCHI, D. A. B.; LEITE-MELLO, E. V. S.; BUENO, F. G. Ação Cicatrizante de Plantas Medicinais: um Estudo de Revisão. **Arquivo Ciência e Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 63-69, 2018.

PARENTE, L. M. L. et al. *Aloe vera*: características botânicas, fitoquímicas e terapêuticas. **Arte Médica Ampliada**, v. 33, n. 4, p. 160-164, 2013.

PEREIRA, A. R.; VELHO, A. P. M.; CORTEZ, D. A. G.; SZERWIESKI, L. L. D. Uso tradicional de plantas medicinais por idosos. **Revista Rene**, v. 17. n. 3, 2016.

RAMOS, A. P. R.; PIMENTEL, L. C. Ação da Babosa no reparo tecidual e cicatrização. **Brazilian Journal of Health**. v. 2, n. 1, p. 40-48, 2011.

SANTOS, V; TRINDADE, A. A enfermagem no uso das plantas medicinais e da fitoterapia com ênfase na saúde pública. *Revista Científica FacMais*, Goiás, 2017.